

J.B. (ed.)  
12/4/97 102  
44

Não pode ser vendido separadamente

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro - Sábado, 12 de abril de 1997 - Nº 550

LANÇAMENTO

Escritores Americanos  
em Paris  
1944.1960

JOSÉ OLYMPIO  
EDITORA

PABX.: (021) 509.6939 FAX.: (021) 242.0802

Quem Lê

Relume-Dumará

Viaja

RELUME DUMARÁ  
Tel.: 542-0248

# Idéias

L I V R O S

A chegada da escrita a uma cultura oral permite que os índios da Amazônia se transformem em autores da sua própria história

## Lições da floresta

CLÁUDIA NINA

**A**prende-se na escola, desde cedo, que o português é a única língua do Brasil. Aos ouvidos viciados da chamada civilização, as 180 línguas ainda faladas pelos 207 povos indígenas do país soam sempre como uma cacofonia distante. Um olhar mais atento sobre essa realidade revela um mundo do qual raramente ouvimos falar nos grandes centros urbanos.

No Acre, onde 10% por cento do território correspondem às áreas indígenas, uma verdadeira Babel escondese entre as matas. Lá, índios representantes de 10 etnias, principalmente as ligadas aos grupos Pano e Aruaque, estão experimentando nas suas aldeias o sabor de uma educação diferenciada: longe da tutela da tradição, que só produziu modelos ineficazes, os índios estão se tornando escritores, a partir do aprendizado de sua escrita autóctone orquestrado pelo projeto *Uma experiência de autoria*, da Comissão Pró-Índio do Acre.

O trabalho já rendeu a formação de 40 professores índios, que agora estão passando adiante o conhecimento multicultural e interdisciplinar nas escolas locais. Quem traz à luz os detalhes dessa revolucionária empreitada pedagógica é a professora Nietta Lindenberg Monte, autora do livro *Escolas da floresta*, reflexão acadêmica que registra a chegada da escrita em uma cultura predominantemente oral, analisando a transformação dos índios em pesquisadores do próprio mundo e autores da própria história.

A pesquisa, publicada pela Multiletra, foi realizada com base nos diários de classe dos professores índios, formados pela equipe de profissionais de diversas áreas do conhecimento, sob a responsabilidade institucional da Comissão Pró-Índio do Acre. Desde 1983, Nietta coordena a equipe multidisciplinar que reúne matemáticos, físicos, historiadores, geógrafos e muitos outros professores de grandes universidades brasileiras, entre elas a Unicamp, UFMG, UFRJ e a Federal de Alagoas. Juntos, eles levam o ensino de 1º e 2º graus aos índios. A maioria deles integrantes da nação Kaxinawá, índios que - através das frentes extrativistas - já haviam entrado em contato com a escrita de língua portuguesa, mas eram facilmente manipulados por não terem sido alfabetizados. Estas *escolas da floresta* surgiram sob uma orientação bilingüe, a partir da vontade dos próprios índios, fartos de serem explorados. "Não entramos como penetras. Fomos convidados a formar, dentro da comunidade indígena, pessoas aptas a enfrentar o mundo", diz Nietta, carioca que há 15 anos se divide entre o Rio e a Amazônia.

Algumas escolas funcionam dentro das casas dos índios, onde a configuração das salas é inusitada: sentam-se, lado a lado, netos e avós que se debruçam sobre as mesmas cartilhas e dividem as mesmas dificuldades de alfabetização. Deslumbrados, eles mergulham no mundo da palavra escrita conscientes de que ela lhes dá acesso não somente à leitura, mas à condução de seus destinos. As crianças entram na escola a partir dos sete anos de idade, embora não seja obrigatório. "Nada é normativo. Nosso projeto não é autoritário. Cada professor inventa a sua própria forma de ensinar. Nem poderia ser diferente. A idéia do índio homogêneo é fruto da desinformação", diz Nietta.

■ Continua na página 2

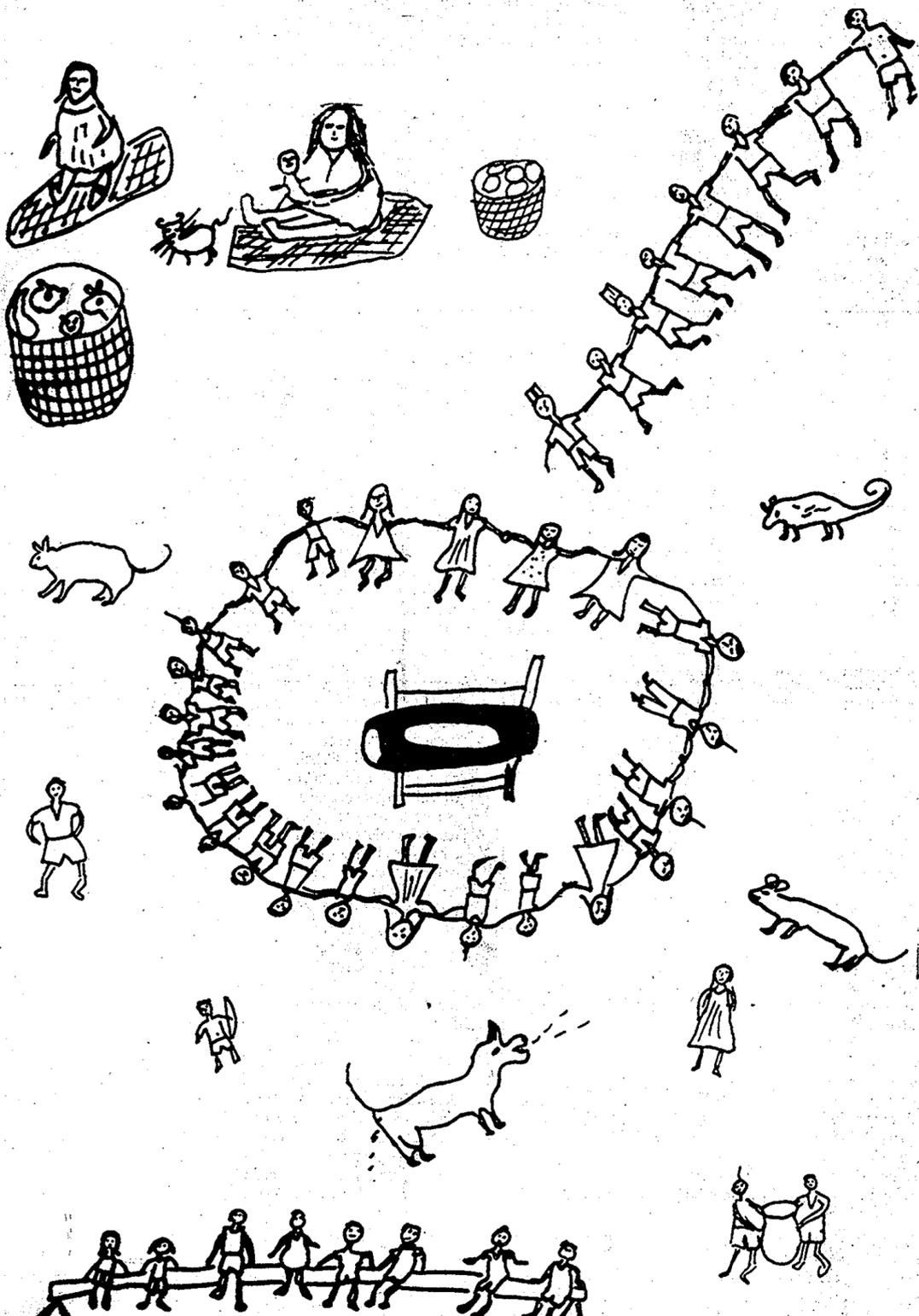


### OS LIVROS

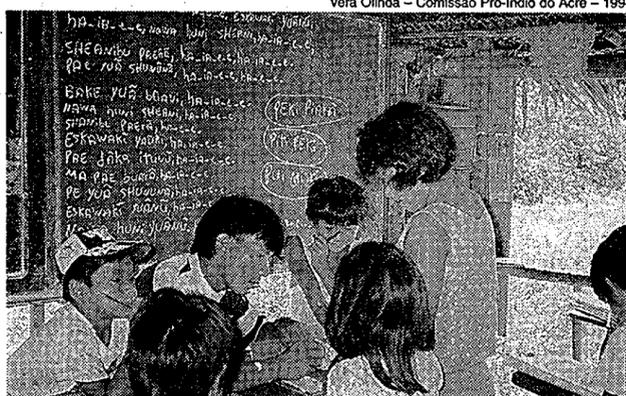
■ **Escolas da floresta - Entre o passado oral e o presente letrado**  
Nietta Lindenberg Monte  
Multiletra, 228 páginas  
Tel.: (021) 222-5641  
R\$ 30

■ **Shenipabu Miyui - História dos antigos**  
Comissão Pró-Índio do Acre, 164 páginas  
Tel.: (068) 224-0857  
Fax: (068) 224-1426  
E-mail: cpi@mdnet.com.br  
R\$ 20

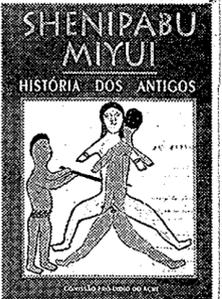
■ **Antologia da floresta**  
Organização de Cláudia Neiva de Matos  
Multiletra, 64 páginas  
R\$ 35



Acima, desenhos indígenas ilustram uma das cartilhas usadas no processo de alfabetização; ao lado, numa sala de aula do município de Caucho, no Acre, professor ensina as crianças kaxinawás a escreverem na sua língua



Vera Clinda - Comissão Pró-Índio do Acre - 1994



Livro bilingüe reúne mitos

Com a escrita adquirida nas escolas da floresta, os povos indígenas não estão apenas dando nova vida a idiomas que só existiam na forma oral. Ganham também um instrumento para preservar elementos da sua cultura, como os mitos e histórias. Parte dessa nova produção literária foi reunida - numa edição em português e kaxinawá - no livro *História dos antigos (Shenipabu Miyui)*, resultado de um trabalho coordenado por Joaquim Paula Mana Kaxinawá, considerado um dos professores índios de maior competência na escrita bilingüe.

"Com os nossos antepassados aconteceu assim. Vou contar para vocês." Esta primeira frase da *História do povo Kulina*, um dos relatos que integram o livro, é reproduzida a seguir na língua dos kaxinawás: "Nuku shenipabu bai-tairá eskaniakiaki, matu yuinü, nikakawë. Huni dabe dukü, baitaeni inikiakirã äbu iriamarã".

Puxando os fios do conhecimento de seus antepassados, os índios gravaram os mitos e as lendas contadas por seus velhos, inseridos há séculos na alma da tradição oral. Com elas, os Kaxinawás foram tecendo as histórias povoadas por feiteiras cegas, as vozes das matas e dos igarapés, a faísca dos relâmpagos encantados, a música das araras e dos sapos cantores; um universo de figuras e associações literárias que ilustram a vasta imaginação poética dos índios.

Continuação da capa

# Diálogo entre duas culturas

**A** pesar de estarem se tornando *letrados*, contudo, os índios do Acre não deixaram de ser índios. Eles continuam plantando, tirando seu sustento da agricultura e vivendo plenamente integrados à natureza. A merenda, feita pelas mulheres da casa, é uma pequena prova: a caçada dia vem acompanhada de milho ou macaxeira. O material pedagógico também é diferente. Os livros são produzidos artesanalmente pelos professores índios e não se parecem em nada com as cartilhas vistas nas carteiras dos *brancos*. Em vez dos habituais livros escolares que não costumam exercer sobre o aluno o fascínio da descoberta, os livros indígenas são coloridos, ilustrados e dialogam com o universo criativo dos alunos. Um exemplo é a *Antologia da floresta*, que está sendo lançado simultaneamente com o livro *Escolas da floresta*. A coletânea, organizada pela professora Cláudia Neiva de Matos, reúne textos de autores indígenas e poetas brasileiros, entre eles Gonçalves Dias, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Adélia Prado.

O mais enriquecedor neste projeto é que o aprendizado prevê a restauração da cultura dos índios a partir de sua língua-mãe. Não apenas através da língua franca, o português, moeda de comunicação entre índios e não-índios. Com isso, a escritura pode avançar para além dos domínios das aldeias, permitindo que a nova literatura conquiste a atenção de um número cada vez maior de leitores: A iniciativa, portanto, tem um alcance muito mais amplo do que se imagina: além de libertar os índios do *exílio*, do *cativeiro cultural* no qual se mantiveram durante anos, liberta também a palavra que, ao ganhar o espaço da escrita, cruza fronteiras e dialoga com outras culturas.

Nietta Lindemberg chegou ao Acre quando já estava sendo desenvolvido no estado o trabalho de demarcação de terras e o início da conscientização de que os índios não eram caboclos, como os *brancos* os fizeram pensar durante anos. "Era o tempo



Desenhos indígenas ilustram as cartilhas

dos direitos, da regulamentação territorial e da organização sócio-política", explica. A educação foi um instrumento a mais na legitimação da identidade e da autonomia indígenas. Garantido até o ano 2000 pela organização *Rainforest Alliance*, formada por crianças dos países nórdicos, o projeto oferece aos índios um currículo intensivo de dois meses de aprendizado. Mas o processo é continuado e, ao mesmo tempo em que vão fazendo novos cursos, os índios fazem circular imediatamente o que aprenderam.

O projeto *Uma experiência de autoria* surgiu também como forma de reavivar o dinamismo linguístico das etnias, na tentativa de preservação de uma história que por pouco não desapareceu completamente. "A época do descobrimento, havia 1.300 etnias no Brasil, hoje reduzidas a 200. É o que chamamos de *etnocídio*", diz Nietta, lembrando que os índios correspondem a apenas 0,2% da população, contra os seis milhões existentes antes das primeiras investidas dos colonizadores. Segundo o editor Gustavo Barbosa, da *Multiletra*, que chegou recentemente ao mercado com uma proposta intercultural, os livros são apenas a ponta do *iceberg* do que está acontecendo por lá. "A escrita é um instrumento de defesa, a partir da qual os índios estão se tornando agentes de sua própria cultura", afirma.

Experiências semelhantes são a pedra de toque de um movimento dinâmico e continuado, que, como diz Nietta Lindemberg, "estimula outras etnias deste imenso país plurilíngüe a organizarem seus próprios livros para valorizarem suas identidades". A Comissão Pró-Índio do Acre foi reconhecida pela ONU como exemplo de proposta bem-sucedida de desenvolvimento humano para a Amazônia. A iniciativa foi selecionada entre os projetos a serem apresentados na Expo 2000, em Hannover. Os livros *Escolas da floresta* e *Antologia da floresta* serão lançados nesta quarta, dia 16, às 20h, na livraria Marcabru, no Gávea Trade Center. (Cláudia Nina)

12/14/97  
TB  
Gand.